

Os cadernos escondidos na minha gaveta
Irene Silva

Para a querida versão mais nova da Ísis

Caminhei até à sua casa, bati-lhe à porta e nem vos sei descrever a sua cara de surpresa quando me viu em frente da sua casa. Sorri-lhe. Sorriu-me.

Após o seu momento de estranheza e surpresa pediu-me que entrasse. Sentámo-nos no seu sofá, onde tudo começou.

- Vim para me despedir por um bocado. - disse-lhe.

- Vais-te embora? - perguntou-me.

- Nós fomos embora. - respondi. - E não tem mal nenhum nisso. - continuei - Aceitei que nem tu poderias ficar para sempre, não no para sempre de sempre, mas ficaste até o para sempre se partir. - olhou-me com atenção - Durante o para sempre eu dei-te tudo de mim, dei-te tudo o que te podia dar e sei que fizeste o mesmo por mim e por isso vim aqui, porque não há motivos para pedir desculpa entre nós. - colocou os seus braços à minha volta e deitamo-nos como sempre nos deitávamos - Estás a viver a tua melhor vida e eu não podia estar mais feliz por ti, tu mereces isso. - suspirei - Quanto a mim, tenho andado a aprender e a aceitar tudo que não posso mudar e para mim, essa é a minha melhor vida. - beijou-me a cabeça e mexeu nos meus cabelos - Tu passaste por tudo comigo e eu passei por tudo contigo. Destruímos o mundo por um bocado, porque esse sempre foi o nosso super poder: a destruição, para que nós permanecêssemos sempre. Éramos um segredo e por ser segredo fez-nos viver e eu só vivia contigo, mas agora sei viver comigo, por isso obrigada! - dei-lhe um momento para que pudesse falar.

- Eu sei que sempre te terei - esta é sua frase favorita - e tu irás sempre ter-me, independentemente de nos

termos ido embora. - apertou as minhas bochechas -
Ensinaste-me muito e não sei o que teria sido de mim
sem ti e por mim está tudo bem se te vieste despedir
por um bocado, mas porquê só por um bocado?

- Porque estamos a crescer. Como tu disseste, sempre
nos teremos, mas neste momento tu precisas de viver a
tua vida e eu preciso de viver a minha. Com as redes
sociais, tu sempre verás algo de mim e eu verei algo de
ti e, quem sabe se um dia não vamos beber um café?! -
riu-se ao entender a nossa piada.

- O café será sempre nosso! - disse sorrindo.

- Tanto o café, como tudo o que criámos, ficará
gravado nos nossos corações. Sempre que te sentires
só na tua vida, lembra-te de todas as coisas que
vivemos e de tudo o que te dei e eu estarei lá. Sempre.

- Até que o sempre se parta. - disse em tom baixo.

- As memórias, isso, fica para sempre e esse sempre
nunca se parte, prometo-te isso!

- Promessa de dedo mindinho? - sugeriu.

- Promessa de dedo mindinho! - os nossos dedos
abraçaram-se.

O meu coração parou assim que olhei adiante e a vi, tão diferente desde a última vez que a olhei, agora vejo-a como ela é.

Quando vi a sua mão encaixada noutra, o meu coração, ainda em pausa, desabou, mas eu continuei a andar, tentei seguir em frente sem tropeçar pelo caminho.

Por mais que evitasse olhá-la, ela alí estava, na sua maneira suave de existir, na sua forma tranquila de ser; se não a visse alí, na sua tranquilidade, ela interrompia a minha, sempre que os meus olhos se fechavam. Ela perseguia-me e, sem ela saber eu também a perseguia de todas as formas em que se pode perseguir. A minha mente nunca a deixou e o meu coração congelou no dela.

Via todos os seus costumes e só lhe queria tocar, um simples toque, não pedia nem um segundo, mas milésimos dele.

Vamos juntar os milésimos de segundo, pensei. Pensado e realizado. Cada milésimo é aproveitado como se fosse o último, cada toque é como o primeiro e cada palavra é tão intensa e nervosa como a primeira.

Vi-me perdida sem esses milésimos, caminhei pelas horas, pelos minutos, pouco caminhei nos segundos e nunca avistei os milésimos até voltar a cair nela como sempre sonhei cair, de forma intensa, mas uma queda amparada e segura, como quem se atira para a cama depois de uma semana cansativa.

Aquelas pequenas estrelas que brilhavam no meu candeeiro de leitura, que me faziam pensar nela antes

de dormir, dançam agora comigo e ela brilha na minha mente.

Há quem diga que à terceira é de vez, eu digo que é de vez quando o universo e todas as forças o fazem parecer a primeira vez. Porque o que interessa a terceira vez se não fizemos valer a pena a primeira e a segunda?

Quando se ama é-se paciente e digo-vos, eu tenho muita pouca paciência, mas ela, ela é do mais paciente que há, do mais belo que existe na paciência. Que ninguém ouse de se titular paciente se não pensou sequer em fazer o que ela fez por uma alma tão pequena e perdida - encontrou-a, tocou-lhe, respeitou-a, esperou-a, amou-a.

Eu sou a alma pequena e perdida, ela é o milésimo, nós somos o amor e o amor é paciente.

“Queres rir, ri; queres chorar, chora; se não sabes o que fazer, escreve.”

Olá! Não sei o que fazer e talvez, por isso, não saia grande coisa daqui.

Acabei de reunir toda a tranquilidade no meu quarto, mas ainda me sinto a explodir por dentro. Sinto-me a explodir pela saudade de tudo o que já foi, sinto-me a arder na insuficiência do ser, sinto-me a desaparecer na minha ridícula impotência de controlar o que me rodeia. Pelo menos, sinto-me.

Às vezes sinto-me como a personagem principal de um filme, sinto que sou bonita o suficiente para isso, ou descuidada o suficiente para aparecer num daqueles filmes de drama ou romance adolescente.

É nessas alturas, quando estou sozinha, na minha companhia e a admirá-la, que desejava também, que houvesse mais alguém alí a admirar-me e a fluir na minha companhia, mas como não há, vejo-me do ângulo de outra pessoa e às vezes gosto, outras vezes desejo não o ter feito.

Mas nos filmes, vimos as coisas que não conseguimos fazer na vida real e é por isso que gostamos tanto deles, sentimo-nos na pele da personagem que nos convém mas, e quando o filme acaba? Conseguimos mostrar aquela revolta que a personagem mostrou com o seu psicólogo? Conseguimos dizer aquelas frases corajosas?

Gostava de ser uma completa personagem de um filme, só para ter essa coragem, essa revolta viva.

Não quero ser atriz, nem quero decorar falas; sinceramente ser personagem do meu próprio filme é-me suficiente, não pelo drama (mas também) mas porque gosto da confusão que me consome, mas também desejava que ela não existisse.

Este texto são as palavras que andavam soltas na minha cabeça e que agora encontraram um sítio para descansar, então estão a ler apenas a minha confusão.

Tenho vindo a reparar que conseguimos viver as partes bonitas e felizes que vimos nos filmes. Quando saio, passeio os meus cães às sete da manhã, apesar de me custar imenso acordar a essa hora, vejo a minha

vida como um filme, porque está tudo tão calmo àquela hora, parece-me quase estranha aquela paz e por isso chamo-lhe o meu filme favorito. Depois avanço para a parte mais parada do filme; vou para a escola e é tudo monótono, só passaria a ser interessante se o filme se passasse na minha cabeça e não dentro de uma sala de aula.

Em casa, quando estou no meu computador a escrever, com a minha vela de limão acesa e incenso a espalhar-se pelo ar, sinto-me a personagem principal, sinto-me a diretora do filme, a personagem secundária e até me sinto um figurino. É agora, mais do que nunca que me sinto em controlo.